

Nos armários dos vestiários: uma leitura do podcast produzido pela *feel the match* e veiculado pelo globo esporte

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma leitura do podcast intitulado “Nos Armários dos Vestiários”, produzido em nove episódios pelo Feel The Match da Rede Globo de Televisão. O objetivo deste texto foi descrever e analisar criticamente esse documentário à luz dos estudos clássicos e contemporâneos de gênero e sexualidade. Foi possível identificar a potência desse tipo de recurso comunicativo e audiovisual no sentido de problematizar e visibilizar os processos de homofobia, especialmente no campo esportivo/futebolístico.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Futebol; Masculinidade; Homossexualidade

Evelyn Cristina Nunes Dias

Licencianda em Educação Física (EEFD-UFRJ)
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
evelyn.1999.ed@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0007-8305-4985>

Alan Camargo Silva

Doutor em Saúde Coletiva (IESC-UFRJ)
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
alancamargo10@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1729-5151>

Rafael Marques Garcia

Doutor em Educação Física (EEFD-UFRJ)
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
rafa.mgarcia@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0837-1493>

Erik Giuseppe Barbosa Pereira

Doutor em Ciências do Exercício e do Esporte
(PPGCEE-UERJ)
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, RJ, Brasil
egiuseppe@eefd.ufrj.br
<https://orcid.org/0000-0001-8129-4378>

In the locker room closets: a reading of the podcast produced by feel the match and broadcasted by globo esporte

ABSTRACT

The present study provides an analysis of the podcast titled “Nos Armários dos Vestiários”, produced in nine episodes by Feel The Match from Rede Globo de Televisão. The aim of this text was to describe and critically analyze this documentary in the context of classical and contemporary studies on gender and sexuality. It was possible to identify the power of this type of communicative and audiovisual resource in problematizing and bringing visibility to processes of homophobia, especially in the sports/soccer field.

KEYWORDS: Sport; Soccer; Masculinity; Homosexuality

En los armarios de los vestuarios: una lectura del podcast producido por feel the match y transmitido por globo esporte

RESUMEN

El presente trabajo ofrece un análisis del podcast titulado “Nos Armários dos Vestiários”, producido en nueve episodios por Feel The Match de Rede Globo de Televisión. El objetivo de este texto fue describir y analizar críticamente este documental en el contexto de los estudios clásicos y contemporáneos sobre género y sexualidad. Fue posible identificar la potencia de este tipo de recurso comunicativo y audiovisual para problematizar y visibilizar los procesos de homofobia, especialmente en el ámbito deportivo/futbolístico.

PALABRAS-CLAVE: Deporte; Fútbol; Masculinidad; Homosexualidad

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Já imaginou jogar futebol e não poder ser você mesmo? Nem todos os jogos de futebol são vencidos dentro do campo. Ainda tem muita história guardada dentro do armário. No *podcast* “Nos Armários dos Vestiários”¹, é possível acompanhar uma averiguação sobre homofobia e machismo dentro do futebol brasileiro.

Estreado em 24 de junho de 2022, o *podcast* se distingue por ser uma obra de caráter narrativa e investigativa, composta por 9 (nove) episódios, assim denominados: “Não pergunte, não fale!”; “Ô, bicha!”; “O sindicato”; “A base de tudo”; “Masculinidade utópica”; “O elefante na redação”; “O outro lado da moeda”; “O boicote” e; “O novo sempre vem”. A cada episódio, podemos conhecer histórias de jogadores, árbitros e outros profissionais do futebol capazes de oferecer um importante panorama sobre o tema.

O *podcast* é um projeto do Globo Esporte, produzido pela *Feel The Match* e apresentado por Joanna de Assis e William de Lucca. É um documentário em formato de série com nove episódios, que problematiza de forma interessante o universo do futebol no que tange ao gênero e à sexualidade de atletas e frequentadores/as dos estádios pelo Brasil, descortinando os processos de homofobia que contornam e edificam essa modalidade, não apenas no país, mas no mundo.

Embora o presente texto não se configure como uma pesquisa teórico-empírica (LÜDORF, 2017), destaca-se brevemente alguns aspectos metodológicos que guiaram a produção dessa empreitada. Em primeiro lugar, foi selecionado exclusivamente o material desse *podcast* justamente para que não haja uma miscelânea de *corpus* com distintas funções simbólicas (BAUER; AARTS, 2010). Em segundo lugar, foram seguidas as diretrizes de Myers (2010) para compreender os processos de conversação durante o *podcast*, incluindo: a) elaboração de um tópico-guia alinhado ao conteúdo das falas de cada participante (planejamento); b) atenção cuidadosa à qualidade do áudio relacionado à interação entre os sujeitos (registro); c) preocupação com o processo de transcrição do material sonoro para o textual (transcrição); d) seleção criteriosa do que cada pessoa disse durante a gravação (atribuição); e) delimitação dos trechos relevantes para o objetivo do trabalho por meio da busca do material escrito (análise); f) ao longo do trabalho, apresentação da argumentação sobre o conteúdo do material em questão (relatório).

Assim, o objetivo é descrever e analisar criticamente este documentário à luz dos estudos clássicos e contemporâneos de gênero e sexualidade. Para isso, optou-se por subdividir os episódios do *podcast* em três grandes eixos temáticos, como será detalhado a seguir.

¹ Disponível em <https://interativos.ge.globo.com/podcasts/programa/nos-armarios-dos-vestiarios/> Acesso em 11 nov. 2023.

PRECONCEITOS E LUTAS DENTRO E FORA DE CAMPO

O episódio 1, “Não pergunte, não fale”, tem duração de, aproximadamente, 53 minutos e contou com a participação do ex-jogador de futebol Richarlyson, atleta que mais sofreu ataques homofóbicos no futebol brasileiro, segundo Joanna de Assis, jornalista da Rede Globo, comentarista do SporTV e coordenadora do *Podcast*, 41 anos. Recentemente, Knijnik (2021) analisou a história de vida do jogador supramencionado. Casagrande (ex-jogador de futebol e comentarista esportivo), Germán Cano (jogador do Fluminense) e a pesquisadora Dra. Leda Costa, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) também contribuem com seus depoimentos, problematizando como o machismo está efetivamente presente no futebol e como pessoas homossexuais precisam distanciar-se de qualquer conduta que evidencie sua orientação sexual dissonante.

Nesse episódio, é discutido o lance em que Germán Cano, ao comemorar um gol, tremula a bandeira de escanteio com a cor do arco-íris (em referência ao mês do Orgulho LGBTQIA+²). Discute-se também o apontamento de Casagrande sobre desconhecer a autodeclaração pública homossexual de algum ex-jogador que levante ações pela causa LGBTQIA+.

Richarlyson relata as dificuldades de lidar com enunciações homofóbicas e sugere como os outros jogadores deveriam agir nessas situações. O ex-jogador nos faz refletir sobre uma das pautas mais importantes da contemporaneidade, às quais poucas pessoas ousam falar: o Brasil é o país que mais mata homossexuais³ no mundo.

Pela primeira vez, Richarlyson fala abertamente sobre sua bissexualidade e que, só através do *podcast*, seu pai e seu irmão o apreciaram. Assim, ressalta que sua família nunca o interrogou ou questionou, e sempre o manteve bem à vontade: “Não gostaria de estar falando disso, mas se estamos é porque existe essa pauta”. Por vezes, o homem precisa desempenhar um papel e agir de um jeito para ser considerado um “verdadeiro homem”, um ser másculo e superior:

As exigências viris, de posse e poder, bem como ser assertivo e competitivo sexualmente, mantêm os homens presos à questão do desempenho. Os padrões de comportamentos que os qualificam como homens se aproximam dos exigidos para máquinas. Enquanto identificados como *homem máquina*, estes indivíduos ficam impossibilitados de problematizar a maneira como socialmente tornaram-se homens [...]. Ao longo da vida, um homem passará por experiências que lhe

² Sigla que designa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexuais, Assexuais e mais.

³ “256 LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros+) foram vítimas de morte violenta no Brasil em 2022: 242 homicídios (94,5%) e 14 suicídios (5,4%). O Brasil continua sendo o país onde mais LGBTQIA+ são assassinados no mundo: uma morte a cada 34 horas”. Vide relatório mais recente do grupo *Gay da Bahia*, 2022: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/2023/01/19/mortes-violentas-de-lgbt-brasil-observatorio-do-grupo-gay-da-bahia-2022/> Acesso em 11 nov. 2023.

ensinarão o que significa desempenhar o papel masculino. Desde criança, ele é estimulado a se afastar de suas "experiências interiores", ao mesmo tempo em que é pressionado a obter o melhor desempenho no que faz (NOLASCO, 1995, p. 21-22).

Durante o episódio, Casagrande profere que não conheceu nenhum jogador que se autodeclarou homossexual. Depois da entrevista com o Richarlyson, podemos evidenciar que Casagrande não desconheceu por falta de presença, mas porque esses jogadores estão asilados com as reações do público, dos colegas ou até mesmo pelos clubes. “Levantar a bandeira” como repúdio à homofobia, como fez o jogador Germán Cano, já é um avanço, mas isso deveria ser frequente dentro dos clubes, nos vestiários e nos estádios. “Sair do armário”, principalmente com a carreira em andamento, pode inviabilizar o futuro do/a atleta, o que, por vezes, leva as pessoas não-cisheterossexuais a se submeterem a situações degradantes (CAMARGO, 2018). Hegemônica e socialmente, o “ser homem” está atrelado à virilidade (BOURDIEU, 2000), logo, o bissexual não seria tão masculino e não deveria pertencer/permanecer em espaços de homens cisheteronormativos⁴.

Para a Dra. Leda Costa, o futebol está atrelado a uma exaltação da masculinidade, mais precisamente a uma masculinidade cisheteronormativa que concebe o *gay* e o feminino como ameaças a esse território (esportivo) viril: “O futebol entrava na escola como uma forma de evitar uma ameaça, o que seria essa ameaça: os meninos estariam ficando muito afeminados”. Continua: “Eu já vi várias declarações de jogadores falando, ‘eu não vou jogar com um colega que é *gay*. Pô, eu tenho um vestiário lá!”. Os apontamentos da pesquisadora fundamentam-se não somente no pioneirismo de Dunning (1992) quando problematiza as relações entre a identidade masculina e o esporte moderno, como, em especial, em determinadas normas de gênero e sexualidade que parecem dominar o âmbito do futebol, ainda que haja insurgências e resistências de outros modos de existir nessa modalidade (TOLEDO; CAMARGO, 2018).

No Episódio 2, “Ô, bicha!”, ao fundo com sons de gritos de torcida, tem duração de cerca de 35 minutos e a participação de Yuri Senna, membro-fundador da torcida Marias de Minas do Cruzeiro. Ele explica os desafios de ser um homem *gay* que não quer se esconder nas arquibancadas por medo de ameaças. Durante o *podcast*, volta-se no tempo para contar sobre a importante e animada torcida *gay* do Grêmio, a Coligay (BANDEIRA; ANJOS, 2022), movimento que venceu a Ditadura Militar e que serviu de inspiração, por exemplo, para a Flagay, do Flamengo.

⁴ O regime cisheteronormativo se traduz “nas noções de ‘verdade’ biopsico-jurídica-socialmente reproduzidas de forma ampla na sociedade, que procuram formatar subjetividades para que estas sejam sempre cisgêneras e heterossexuais, caracterizando-se assim a cisheteronormatividade como um conjunto bem delimitado de normas, reforços e punições, assim como aquelas presentes nas instituições totais” (ROSA, 2020, p. 67).

William de Lucca, jornalista da Rede Globo e produtor de conteúdo, apresentador do *podcast*, 37 anos, *gay*, narra uma partida de futebol entre as equipes femininas do Palmeiras e do Corinthians e a euforia da torcida Palmeiras Livre com o time na liderança do campeonato. O que chama atenção é que a torcida citada assiste, somente, às partidas de futebol feminino, pois é proibida de estar nos jogos masculinos por causa da homofobia.

Yuri Senna narra como foi a construção do nome da torcida supracitada e diz que veio de uma brincadeira trocando a letra F por R (Máfia por Maria). Ele ainda expõe que precisou usar o “Manto de invisibilidade” para não ser notado por medo de ser agredido, tanto física quanto simbolicamente. O torcedor relata que, durante um jogo entre Vasco e Cruzeiro, estava no estádio com o namorado e foi à beira do alambrado apoiar o Cruzeiro porque o time estava perdendo. O namorado foi abraçá-lo em apoio e os dois foram fotografados. Nessa ocasião, a foto viralizou⁵ e eles acabaram sendo violentados ao receberem inúmeros comentários passíveis de crime, tais como: “tem que morrer!”. Ambos ficaram dois meses sem sair de casa por medo.

William conta que escutou um canto no jogo do Palmeiras x São Paulo em 2018 que dizia que todo *gay* na Terra é tricolor e, por isso, ele resolveu postar uma contradição daquele canto dizendo que ele é *gay* e palmeirense. William diz que recebeu muito apoio, mas também recebeu/recebe muitas ameaças. “Uma vez que tira o manto da invisibilidade não tem volta”, diz William.

Após rumores que o Cruzeiro lançaria uma blusa LGBTQIA+, Yuri relata que seu aplicativo de mensagens, contato do *WhatsApp*, foi vazado e, a partir daí, ele sofreu novas ameaças, o que o fez parar de lutar por todas as causas e até pela torcida Marias de Minas. “Eu não vivia mais futebol, eu sobrevivia para ver futebol. Eu acompanhava só de casa, não tinha coragem de ir ao estádio. Essa liberdade de estar junto do meu time foi acabada”. Vale lembrar que diversos trabalhos apontam iniciativas de enfrentamento à homofobia na dimensão das torcidas de futebol, como também problematizam a sequência de violências que tais sujeitos “não-hegemônicos” sofrem ao longo das suas experiências com o torcer (MENDONÇA; MENDONÇA, 2021; BANDEIRA; SEFFNER, 2013, 2022).

A Coligay, primeira torcida *gay* do Brasil, de Porto Alegre, foi criada pelo gremista Vomar Santos nos anos 1970. Vomar queria animar a torcida que, segundo ele, estava muito desanimada, e criou a Coligay, juntando o nome da boate em que era gerente, a Coliseu, ao termo *gay*. Serginho, membro da torcida e rainha da Coligay, conta como era estar naquele espaço: “Nós cantávamos durante o jogo e depois. Tinha instrumento de sopro, o que era lindo”. A Coligay embalou o time.

⁵ Viralizar significa que um conteúdo publicado em determinada plataforma na *internet* alcança um alto índice de compartilhamentos entre os usuários, sobretudo nas redes sociais.

“O Grêmio ganhou. Era Deus no céu e a Coligay na Terra.” Vomar ainda lembra: quando os jogos terminavam, os jogadores iam ao Coliseu e alguns apresentavam suas namoradas, às vezes querendo esconder suas “sexualidades”. A Coligay foi um grande feito, visto que foi criada em um período caótico, de Ditadura Militar.

Uma das maiores torcidas do mundo, a do Flamengo, foi inspirada pela Coligay e assim surgiu a Flagay, mas esta sofreu por parte da própria torcida e da imprensa, não tendo apoio e passando por muitas ameaças. Após perder de 3 a 0 para o Fluminense, a Flagay virou manchete no Jornal dos Esportes com a declaração feita pelo presidente Márcio Braga: “Foi praga da Flagay”. Márcio também pediu para a polícia impedir a entrada da Flagay nos estádios. A Torcida LGBTricolor é uma torcida do Bahia que também acolhe todos/as que querem assistir ao jogo do Bahia. Onã Rudá, fundador da torcida LGBTricolor, diz que ainda dá para acreditar que todos/as podem ir ao estádio e torcer, porque isso acontece lá. Conclui-se que é importante que as torcidas não sejam “empurradas para o armário”, assim como aconteceu com a Coligay e com a Flagay, porque, se isso continuar a acontecer, mais pessoas serão impedidas de torcer e acreditar no seu time de forma livre e aberta.

Fry e MacRae (1985) apontam que há uma tendência de empurrar tais categorias sociais (por vezes, marginalizadas) para “guetos estanques”. Existem estruturas sociais que tentam empurrar as torcidas *gays* para os “armários”, por isso a relevância da luta contra determinados preconceitos e discriminações.

VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS ENTRE OS PROFISSIONAIS

O episódio 3, “O sindicato”, tem duração de, aproximadamente, 50 minutos e contou com a presença de grandes lendas da arbitragem autodeclaradas *gays*, que se utilizaram de seus trejeitos para se impor em campo, entre eles: Margarida e Borboleta. O *podcast* também trata do “Sindicato”, que é o apelido do grupo de árbitros históricos declarados *gays*. Por fim, tal episódio aborda uma entrevista reveladora de um árbitro FIFA que pode mudar a história da arbitragem mundial.

Um árbitro FIFA em entrevista ao *podcast* argumenta como o futebol está enraizado no mundo dito masculino e o porquê de escolher a arbitragem de futebol como profissão. Ele diz que nesta modalidade quem mais se destacava era o árbitro e ele se viu nisso. Ele também afirma: “É uma proteção que eu escolhi para me proteger da minha sexualidade. Eu odiava futebol, não gostava. Gostava de brincar de outras coisas, de carrinho, de motorista de ônibus, de médico, mas

para mim poder pertencer a um grupo, pertencer... e conviver com os meus amigos, porque era coisa de homem.” Durante o *podcast* o árbitro FIFA também comenta que conhece muitos árbitros que vivem uma “vida dupla” por medo das consequências em se autodeclararem *gays*, visto que atualmente existe uma militarização da arbitragem de futebol, o que não acontecia no passado.

Por essa militarização, a arbitragem se divide em antes e depois de Armando Marques. Ele foi um dos árbitros mais importante do futebol. Muitos árbitros se inspiraram em Armando Marques, porque era um árbitro muito competente e supostamente *gay* para os/as espectadores/as, como afirma o ex-árbitro Paulino Rodrigues da Silva (Borboleta) em entrevista ao *podcast*: “a gente copiava o Armando porque era um cara de trejeitos e muito elegante, magrinho e tudo... era muito respeitado a ponto de expulsar o Pelé na Vila Belmiro”. O trio MBB, composto por Jorge Jose Emiliano (Margarida), Paulino Rodrigues da Silva (Borboleta) - que foi entrevistado - e Valter Senra (Bianca) foi o trio de arbitragem mais importante do futebol na “abertura” dos armários dos vestiários no fim dos anos 1980 e início dos anos 1990. Esse trio teve relevância porque alguns deles efetivamente se identificaram como *gays*. Tais representações serviram para outros árbitros também explicitarem publicamente a sua identidade sexual, o que desencadeou a criação do “Sindicato”: união de árbitros autodeclarados *gays*. Depois de muita discriminação e preconceito, como o corte de Margarida da federação de arbitragem por sua “musa inspiradora” (Armando Marques), o Sindicato perdeu sua força, sobretudo pelo aumento da militarização dos árbitros. Em uma entrevista ao programa Roda Viva em janeiro de 1988, o ex-árbitro e ex-policia l Dulcídio Wanderley Boschilia confirma a discriminação quando perguntado sobre Margarida e se ele se considerava preconceituoso, afirmando “eu não, não tenho preconceito, mas se eu tivesse um filho já teria assassinado, mas em outros casos não tenho preconceito nenhum”.

À luz de Bourdieu (2000), apreende-se que o tal “Sindicato” se caracterizava por um espaço social de homosociabilidade masculina que necessitava demarcar concreta ou abstratamente quais homens partilham de dadas orientações sexuais. Nesse caso, entende-se que até mesmo no campo da arbitragem cria-se um subcampo onde se territorializa como deve se exercitar a sexualidade. A lógica cisheteronormativa, homofóbica e machista presente nos clubes ou estádios e entre os/as profissionais de futebol acaba transbordando para todos/as os/as agentes que, de algum modo, vivenciam esse esporte, como torcedores/as e, aqui especialmente, os árbitros. A partir da revisão narrativa realizada por Souza (2020), argumenta-se que ainda há uma marginalização desse debate na literatura sobre esses tipos de profissionais (árbitros).

Ao ser entrevistado pelo *podcast*, o atual presidente da comissão de arbitragem da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e ex-árbitro Wilson Seneme “abre o coração” e diz que a comissão está aberta a acolher os árbitros autodeclarados *gays*. Nesse momento, o árbitro FIFA

entrevistado pelo *podcast* se sentiu confiante a se autodeclarar *gay*: o Igor Benevenuto. Ele é o primeiro árbitro FIFA do mundo a declarar a sua homossexualidade. A partir dessa “saída do armário”, houve o acolhimento da comissão da CBF em relação a outros profissionais desse ramo que também poderiam se autodeclarar *gays*.

O episódio 4, “A base de tudo”, tem duração de, aproximadamente, 52 minutos e contou com a participação de Douglas Braga, 40 anos, psicólogo, ex-goleiro *gay* das divisões de base do Botafogo, que “abriu sua vida” sobre a sua homossexualidade no meio futebolístico. Além disso, teve a participação de Nicole, mulher trans que renunciou a uma carreira profissional consolidada para dar início à sua autodeterminação de gênero. Assédio e abuso sexual também foram temas desse episódio, visto que muitas crianças e adolescentes são submetidos/as a abusos para conseguir realizar seus sonhos na carreira esportiva/futebolística (CAVALCANTI; CAPRARO, 2019).

Douglas contou ao *podcast* que passou grande parte de sua vida nos alojamentos e “rodou” grandes clubes. Douglas lembra que a realidade nas divisões de base era muito difícil ao ponto de ter que se sobrepôr aos outros para conseguir permanecer e realizar o sonho de transformar a realidade de sua família. Para se sobrepôr aos outros, os jogadores tinham que reafirmar sua masculinidade, tanto dentro quanto fora de campo: o trecho “a minha categoria da base foi muito difícil, porque eu queria ser de um jeito, mas eu queria jogar profissionalmente e isso pesou demais pra eu me assumir, então eu não me assumi, esperei eu ter um contrato” confirma o preconceito nas categorias de base e, por consequência, no futebol profissional, uma vez que o atleta é reflexo dessa sua carreira e trajetória no mundo futebolístico. Historicamente, nas arenas brasileiras, privilegiam-se determinadas masculinidades (DaMATTA, 2006).

Tudo fica mais fácil quando um atleta expressa dada masculinidade alinhada à perspectiva cisheteronormativa e, no caso da ex-jogadora Nicole, isso era uma realidade. Nicole fazia parte de uma categoria de base do futebol masculino e lá não sabiam que ela era trans, mas após ter que ficar parada por nove meses por conta de um rompimento de ligamento no joelho, percebeu que viveria uma vida infeliz, o que a levou a se autodeterminar. Após o início do processo, Nicole perdeu sua vida profissional no futebol, a vida que tanto sonhava, como ela mesmo diz: “conquistei e perdi, mas eu não voltaria atrás”.

Nicole encontrou a felicidade em si, mas para isso precisou “abrir mão” do futebol. Para ela, muitos/as atletas encontram em si a possibilidade de mudar a realidade de suas famílias e, de fato, isso é uma felicidade. Para concretizarem os seus desejos profissionais, submetem-se a abusos sexuais e assédios por parte da comissão técnica, roupeiros, etc. Muitas pessoas de alto padrão nos clubes prometem algum tipo de vantagem aos/às atletas de base na conquista de sonhos futebolísticos em troca de favores sexuais. É comum isso acontecer por causa dos desejos

reprimidos por parte dessas pessoas. Douglas relata que um jogador de 15 anos o confidenciou que um diretor pediu para fazer sexo oral nele. Os atletas de base normalizam tais abusos e violências para conquistar seus sonhos.

Por isso, é importante discutir sobre esse tema, porque orientação sexual constitui a identidade do sujeito e, por consequência, o modo de viver em coletividade. Assim, com base em Fry e MacRae (1985), por ser um fato social, deve-se ater as disputas, paradoxos, contradições e transformações que envolvem a própria sociedade.

No episódio 5, “Masculinidade utópica”, com duração de, aproximadamente, 59 minutos, contou-se com a participação de Caio Ribeiro, comentarista esportivo da Globo, ex-jogador de futebol cisheterossexual que sofreu questionamentos por ter comportamentos diferentes do esperado para tal orientação sexual. A pesquisadora Dra. Leda Costa também traz contribuições contundentes acerca da masculinidade utópica. O episódio explora a história da Ligay, maior campeonato de futebol *gay* do mundo, e seus desdobramentos no combate à homofobia e à masculinidade tóxica no esporte. Em síntese, tal episódio se guia a partir da seguinte questão: será que a criação da Ligay contribui para a aproximação da masculinidade utópica no futebol?

Caio Ribeiro registra no *podcast* que foi chamado de *gay* por ser carinhoso e respeitoso com as pessoas. Caio ainda recorda que recebia muitos ursinhos de pelúcia dos fãs e postava fotos em agradecimento, mas era visto como o “diferente”, entretanto, ao invés de diminuí-lo, como era o esperado pelas pessoas, isso só aumentou a sua garra e a sua vontade de continuar. Ouvir gritos homofóbicos no Allianz Parque, antigo Palestra Itália (estádio do Palmeiras), era corriqueiro, mas isso só o fortalecia. Segundo Dra. Leda Costa, no quesito masculinidade, tudo o que aparenta ser diferente é tratado de maneira inferior. No futebol, que se tornou um meio tão machista, isso se torna normal, visto que essa masculinidade deveria seguir padrões cisheteronormativos instaurados ao longo da história. Tal fato é um exemplo emblemático da noção de masculinidade hegemônica que acaba configurando hierarquicamente a dominância/subordinação de algumas formas de “ser homem” (CONNELL, 1995; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Em 2017, um grupo de quatro a cinco times de homens *gays* criou a Liga para que os times pudessem se fortalecer e, a partir daí, alguns homens criaram a Ligay para continuar se fortalecendo. André, 40 anos, um dos criadores da Ligay, menciona que organizou a *Champions Ligay*, campeonato amador de futebol *gay* que funciona nos moldes da *Champions League* e que, atualmente, abrange 40 times brasileiros, tornando-se o maior campeonato de futebol *gay* do mundo. Flávio Amaral, jornalista e jogador do Carioca Esporte Clube, diz que o movimento Ligay tem uma importância significativa nesse esporte, visto que através disso as pessoas podem se unir e colocar em xeque a masculinidade cisheteronormativa no futebol. Através do primeiro time que o

Flávio participou (Beescats), ele pôde viajar para fora do Brasil e viver uma realidade de jogador profissional. A Ligay veio para quebrar o padrão do futebol que, tradicionalmente, fica reservado aos homens cisheteronormativos. Camargo (2021) avança no sentido de que a Ligay acaba acomodando outros corpos e demandas sexuais que, de algum modo, dialogam ou tensionam os outros futebolis classicamente exercidos pela lógica cisheteronormativa.

Embora tenha iniciado com times *gays*, atualmente a Ligay também possui times e campeonatos trans. A Nicole, jogadora trans do time Felinos, de Belo Horizonte, que participa da Ligay, conta que jogava futebol, mas após a transição não foi aceita no esporte e teve que ficar longe da modalidade por 11 anos, até que surgiu a possibilidade de jogar no Felinos. Nicole declara que isso mudou a realidade dela e fez com que ela se sentisse parte – leia-se: um pertencimento social. Ela ainda afirma: “Tem que ter isso, tem que crescer porque isso é muito importante aqui no Brasil”. A Dra. Leda Costa, quando perguntada sobre o que é essa masculinidade utópica, fala: “Masculinidade utópica é aquela que é antimachista”.

Diante disso, fica claro o quanto a Ligay, os movimentos *gays*, a atitude e as falas de Caio Ribeiro têm contribuído na aproximação da masculinidade utópica. Questiona-se, portanto, o que de fato e concretamente tem sido feito para essa aproximação da masculinidade utópica. O otimismo de Fry e MacRae (1985) sobre mudanças positivas na visão acerca da homossexualidade parece, aos poucos, se fazer presente em diferentes formas de vivenciar o esporte.

O episódio 6, intitulado “O elefante na redação”, apresentado em 55 minutos, contou com Renata Mendonça, 33 anos, jornalista esportiva, comentarista Global e cofundadora do Dibradoras, canal sobre mulheres no esporte. William de Lucca e Joanna de Assis, apresentadores/as do *podcast*, e Ale Xavier, apresentadora do canal Desimpedidos, também contribuem com o episódio, visto que estão diretamente ligados/as à imprensa. A imprensa foi esmiuçada tanto no ambiente interno quanto externo: era hora dos bastidores da notícia. Foram abordados casos famosos publicados de homofobia, mesmo podendo ser verdadeiros, falsos ou sensacionalistas. E, por fim, problematizou-se como a imprensa se reciclou e como tal mecanismo de produção discursiva pode alertar sobre o preconceito e a exclusão de pessoas LGBTQIA+, em especial, no mundo esportivo.

Renata Mendonça aponta que, na imprensa, o homem cisheterossexual é visto como masculino quando mostra o traço viril. Para ela, não existe outro tipo de “personalidade”, ou seja, tudo o que se aproxima do feminino é descartado, até mesmo as opiniões e falas. Renata lembra que, ao entrar para o jornalismo esportivo, teve que ouvir muitas piadas e ver homens objetificando as mulheres. Renata ainda declara: “o ambiente era tão tóxico que as feministas não queriam nem entrar [...] quando o ambiente é hostil, quem vai querer estar nele? [...] o universo já rejeita os *gays*, mas o esporte rejeita muito mais”. Durante o *podcast*, Renata comenta que uma das causas para a

pouca quantidade de mulheres no jornalismo esportivo pode estar atrelada à quantidade reduzida de homens *gays* que estão nesse tipo de jornalismo. O apresentador William de Lucca traz contribuições significativas sobre esse assunto, visto que é um homem *gay* que está presente no meio.

William cita que a primeira experiência dele no jornalismo esportivo foi crucial para sua escolha profissional. Antes do *podcast*, William só teve uma experiência com o jornalismo esportivo, pois costumava se afastar desse tipo de ofício profissional em função de preconceitos e discriminações por sua orientação sexual. Logo que iniciou seu trabalho, William foi chamado pelo seu superior para conversar. Este deixou claro que as redes sociais de William não estavam compatíveis com o pensamento da empresa e pediu para ser mais “discreto”. Cerca de dois meses depois, William deixou o jornalismo esportivo porque sentia que era um meio muito machista e as piadas e olhares nunca paravam. Durante o episódio, William disse que entre trabalhar em um meio machista sem poder ser quem ele é e trabalhar em outro meio podendo ser ele mesmo, ele escolhe ser ele mesmo. Um questionamento muito importante feito por ele aos outros jornalistas: “quantos jornalistas LGBTQIA+ você conhece?”. Quem traz relatos sobre o “colega ao lado” (amigo jornalista) é a Joanna de Assis, uma das apresentadoras do *podcast*.

Joanna diz que não é fácil ser mulher no jornalismo esportivo, porque o preconceito vem de onde você menos espera: do colega ao lado, seu colega jornalista. Joanna diz que eles se sentiam atacados, como se a presença dela afetasse a masculinidade deles. Destaca-se que a Ale Xavier, única apresentadora mulher do maior canal de futebol do Brasil, o Desimpedidos, também diz ter passado por isso em diversos lugares. Ela ainda diz “[...] tem sempre uma piadinha. Quando eu trabalhava na Globo o que mais tinha era piada. Toda piada era homofóbica.” Além das piadas internas, por vezes, a imprensa também contribui na propagação de *fake news* e no sensacionalismo das notícias.

As interdições simbólicas ou as violências de todas as ordens sobre o feminino podem ser apreendidas no jornalismo esportivo (BRUM; CAPRARO, 2015). Nota-se ainda a predominância de homens em diversos segmentos profissionais do campo da Comunicação, em especial, quando se trata do campo esportivo (BUENO; MARQUES, 2020). Tais relações de gênero na imprensa esportiva impactam diretamente na forma como as enunciações linguísticas e imagéticas nos veículos de comunicação abordam, de modo distinto, os/as atletas (PEREIRA, 2015).

Manchetes com jogadores/as, jornalistas e clubes sempre são publicadas pela imprensa com o intuito de chamar a atenção do público, muitas vezes vindo a comprometer a imagem de atletas, mas muitos editores (os que editam e publicam as manchetes) não entendem o que podem causar, como foi o caso da manchete publicada dizendo que o Caio Ribeiro, comentarista esportivo, estaria

envolvido com um homem. A sua namorada à época entrou em depressão porque ouvia piadas sobre o namorado. O sonho de muitos é que os comportamentos mudem, como é o caso do jornalista e humorista Felipe Andreoli: quando estava no *Custe o Que Custar*, programa de televisão humorístico, ele propagava discursos machistas, mas, hoje em dia, mudou e luta contra a homofobia. Atualmente “a imprensa tem o poder de começar e fazer a ecoar as discussões e através disso é capaz de um repórter *gay* chegar na imprensa esportiva e ser bem recebido”.

Ainda que os meios de comunicação selecionem o que será noticiado, sabe-se que a apreensão do “conteúdo midiático” pode ser reinterpretada ou ressignificada a depender dos grupos sociais (WOLF, 1999). Entretanto, isso não descarta a responsabilidade social da imprensa diante da sua capacidade de produzir discursos “em massa”. Butler (2021) argumenta que tais linguagens que silenciam ou vulnerabilizam dadas identidades ferem determinados corpos.

O episódio 7, “O outro lado da moeda”, com duração de, aproximadamente, 47 minutos, expõe o futebol de mulheres e seus desdobramentos, desde a proibição da prática na “Era Vargas” até a sua liberação. Aborda também a lesbofobia e bifobia sofrida pelas jogadoras homossexuais e bissexuais no esporte, respectivamente, mesmo com um número de mulheres autodeclaradas muito superior ao futebol de homens (KESSLER, 2021). Tal episódio teve a participação de Cristiane Rozeira, uma das maiores jogadoras de futebol da seleção brasileira, além de entrevistas com as jornalistas Alê Xavier e Renata Mendonça.

Renata Mendonça e Alê Xavier afirmam que são apaixonadas por futebol e no mundo do jornalismo esportivo é raro encontrar jornalistas que conheçam, com profundidade, as especificidades do futebol feminino. Renata diz: “se você perguntar quem é o primeiro colocado no Brasileirão não vai saber”. As duas ainda dizem que falas diminuindo a mulher são corriqueiras, mesmo que não faça sentido nenhum pronunciá-las. Ela questiona quando um jornalista erraria o nome de um jogador homem de clube? Entretanto, Renata diz que já escutou um jornalista pronunciar o nome errado de uma jogadora durante todo jogo. O futebol de mulheres, além de ser desvalorizado, também é objetificado. O que está sendo julgado não é a capacidade técnica, mas a aparência. Tais representações sobre a atleta/jogadora de futebol são construções sócio-históricas e que cada vez mais vêm sendo palco de estudos no sentido de compreender como essas mulheres em diferentes tempos e espaços vivem esse esporte (GOELLNER, 2005a; GOELLNER, 2021).

Na “Era Vargas”, o futebol de mulheres foi proibido em 1941, perdurando até 1979. Isso aconteceu porque acreditavam que a prática de modalidades intensas comprometia os órgãos de reprodução das mulheres, o que não foi comprovado cientificamente. Dessa maneira, limitava as mulheres e as colocavam na “caixa” da reprodução e do “lar”, ou seja, só poderiam ser reprodutoras e donas de casa (GOELLNER, 2005b). Esse estigma ainda é bem presente atualmente, visto que

essa lei veio com o intuito de não “masculinizar” as mulheres, tornando-as mais “femininas”. Nos dias de hoje, as mulheres sofrem discriminação ao jogarem futebol porque dizem que lugar de mulher é “na cozinha ou em serviços mais frágeis”. A jogadora Cristiane Rozeira, 37 anos, lésbica, jogadora do Santos e campeã olímpica com a seleção brasileira alega que constantemente escuta piadinhas em relação ao futebol, além de discursos lesbofóbicos.

Cristiane diz que entre as próprias jogadoras é tranquilo se autodeclarar lésbica, porque ali estão livres de julgamentos, isto é, não existe uma preocupação com a “sexualidade” da outra jogadora. Entretanto, no futebol dos homens, eles precisam performar para se encaixar no estereótipo do “masculino aceitável”, o de “virilidade”. Cristiane ainda menciona que, muitas vezes, as pessoas acreditam que os uniformes do futebol de mulheres dizem quem elas são no que diz respeito à orientação sexual: os uniformes largos indicariam o “ser lésbica”. Esse “imaginário social” existe porque continuam colocando os homens como “padrão” e as mulheres como a “sombra” deles, ou seja, se uma atleta utiliza um uniforme mais largo está se masculinizando e, se está se masculinizando, só pode ser lésbica. Ela também lembra que, em um determinado campeonato, excluíram as mulheres que tinham o cabelo mais curto. Permitiram apenas meninas que seguiam um “padrão aceitável” para os clubes e diminuíram o tamanho dos uniformes porque queriam um campeonato mais “atraente”. Diante disso, fica claro que o futebol de mulheres ainda passa por discriminação e isso vem desde a sua construção histórica. Entretanto, por mais que seja difícil mitigar essa discriminação, vale valorizar jogadoras influentes, como a Cristiane, que se autodeclaram quem são, pois muitas outras poderão seguir seus sonhos na carreira profissional/futebolística ou na própria vida pessoal.

Com efeito, nesses casos, com base em Butler (2007), ilustra-se como os atos e gestos corpóreos precisam afirmar ou reiterar fabricações socioculturais de dadas identidades para existir a partir de normas reguladoras de gênero/sexualidade. Tal problematização sobre o futebol de mulheres demonstra como determinados mecanismos discursivos preconceituosos/discriminatórios acabam implicando nas vidas das mulheres que pretendem se manter na carreira esportiva (GOELLNER, 2005a), o que de fato ocorre em outras instâncias ou segmentos de uma sociedade machista e misógina.

HORIZONTES POSSÍVEIS PARA TODAS AS FORMAS DE EXISTIR NO ESPORTE

O episódio 8, “O boicote”, de 44 minutos, narra o papel e a potência da liderança dos treinadores de combater ou reforçar a homofobia no futebol. Um treinador *gay*, em anonimato, conta um depoimento chocante de como sua fama o impediu de alcançar os mais altos patamares do futebol, mesmo sem ter revelado publicamente sua orientação sexual. Nesse episódio, Elyeser, 32 anos, jogador do Santa Cruz FC, conta como sofreu o “boicote silencioso” no futebol após um vídeo pessoal cantando em forma de brincadeira ser vazado nas redes sociais, e o que isso ocasionou na vida dele.

O técnico Renato Gaúcho deu a seguinte declaração em uma entrevista à Folha de São Paulo, em 2019: “se eu tenho um jogador *gay*, vou sacanear ele de manhã, de tarde e de noite... eu quero que ele jogue, o que não pode é misturar as coisas, entrar no vestiário de sacanagem por ser *gay* e levar mais para o lado *gay* dele do que para o trabalho”. Comentários como esse confirmam que o mundo do futebol ainda é homofóbico e que os treinadores exercem uma grande influência nisso. Os técnicos são um dos responsáveis pela abertura ou pelo fechamento dos armários dos vestiários para a homofobia (CAMARGO, 2018).

Um treinador *gay*, que preferiu não se identificar por medo do que isso poderia causar a ele e à família, visto que não sabem de sua orientação sexual, verbaliza que, apesar de ter vários títulos, de ter “rodado” vários clubes e de ter sido considerado um dos melhores técnicos brasileiros, não conseguiu alcançar o topo da carreira. Ele conta que se questionava muito sobre isso, mas entendeu que a fama de *gay* o impediu de alcançar outras dimensões da carreira. Isso foi constatado quando soube que um clube grande não o contratou por causa de sua fama, visto o que era esperado de técnicos: uma figura de autoridade e, para a sociedade cisheteronormativa, parece não existir autoridade (seriedade?) sendo *gay*.

Em outras palavras, a subalternidade de dadas masculinidades, problematizada por Connell e Messerschmidt (2013) e o “ser *gay*”, discutido por Kimmel (1998), iluminam como a ideia enviesada de “passivo” ou “efeminado” acaba não correspondendo aos homens em determinados “postos de trabalho” que exigem a “tal autoridade”. Assim, no terreno de quem “lidera”, encontra-se o binarismo ou a divisão sexual do que (não) faria parte do “mundo dito masculino” (BOURDIEU, 2000).

Ainda sobre a fama manchada por uma, nas palavras de Goffman (1977), “fachada”, que não corresponderia ao masculino, o jogador Elyeser comenta que foi demitido e sofreu um “boicote”

dos clubes por ter sido considerado *gay* ao ter brincado em um vídeo “vazado”. Ao tentar ingressar em clubes, não era aceito porque alegavam que a conduta do jogador não era compatível com a do clube. Elyeser jogou em clubes de segunda divisão, mas depois de muita procura e de ser recusado por cerca de 50 clubes, conseguiu ingressar em um clube da série D.

O jogador deveria ser julgado por sua conduta como atleta e por condutas extracampo necessárias a um profissional. Entretanto, ser culpabilizado por um vídeo, o qual o fez levar a fama de *gay* e, a partir daí, sofrer um boicote implícito por ser considerado homossexual, trata-se de homofobia. Evidencia-se, portanto, que o boicote acontece para todos os que são julgados como *gays*, mesmo que discreta ou explicitamente. Como consequência, esses sujeitos “fora da norma” perdem grandes oportunidades por causa de uma sociedade cisheteronormativa que menospreza qualquer um que não segue padrões esperados pela sociedade. Por isso, a importância de compreender as produções sociais acerca das identidades sexuais, em especial, à luz dos movimentos feministas e homossexual, torna-se fundamental (FRY; MACRAE, 1985).

O episódio 9, “O novo sempre vem”, foi apresentado em 48 minutos. Retomou a principal discussão do *podcast*: as dificuldades de um jogador de elite “deixar o armário”. Nesse episódio, fica a indagação: por que são poucos os jogadores que deixam o armário? O ex-goleiro Emerson Ferretti, 50 anos, o qual teve passagens pelo Grêmio, Flamengo e Bahia responde essa pergunta e conta um pouco sobre ser um jogador que esteve “no armário” durante toda sua carreira. Emerson traz questionamentos que podem contribuir, através da “mudança de mentalidade”, na redução da homofobia no futebol.

“Aprendi que precisava esconder para sobreviver”: essa é a primeira fala dele, que explica que precisou ficar 50 anos “no armário” por medo do que poderia acontecer, especialmente pelo receio de ter as “portas fechadas” no mundo do futebol. Ele afirma que era muito solitário porque não conseguia conversar com ninguém sobre o que sentia e o que pensava e, por isso, era totalmente focado no futebol, tentando ser o melhor goleiro possível. Emerson buscava chamar atenção pelo seu trabalho e não pelo seu jeito, desta maneira ficava longe dos “holofotes”.

Sabe-se que a “saída do armário” é uma decisão difícil para o/a atleta e que impacta diretamente na sua carreira profissional, principalmente quando não há apoio institucional em dado esporte (CAMARGO, 2018). Isso implica no número reduzido de *gays*, pelo menos abertamente autodeclarados, principalmente no futebol em que a identidade masculina se marca fundamental e historicamente por um traço viril (DaMATTA, 2006).

Deve-se lembrar do primeiro jogador a se autodeclarar *gay* no futebol: Justin Fashanu. Em 1990, em uma entrevista ao jornal *The Sun*, ele declarou ser homossexual. Embora tenha jogado em grandes clubes como o *Manchester City*, passou a jogar em ligas de menor porte. A sua vida pessoal

e profissional passou por uma série de transformações pelos inúmeros ataques homofóbicos, o que o levou ao suicídio. Vale resgatar, também, o caso do inglês Jake Daniels, 17 anos, um dos jogadores de futebol que se autodeclarou *gay*, o que mostra indícios de mudança entre os atletas do esporte em tela.

Emerson Ferretti lembrou que teve uma fratura na perna em uma das partidas, o que fez com que ele ficasse dois anos afastado do futebol. Emerson ressignificou esse momento delicado de recuperação, pois pôde “cuidar da mente” e sair do “holofote”. Posteriormente, conseguiu “retornar aos gramados” e vencer a Copa do Brasil pelo Juventude.

Apreendeu-se, nesse episódio de “síntese”, que o apoio dos clubes e dos profissionais foi fundamental para exercitar as múltiplas formas identitárias. Violências de todas as ordens que ameaçam ou matam, de modo simbólico, pessoas/atletas dentro do esporte parecem reproduzir o que, por vezes, reiteram criminosamente “fora do campo”. Desse modo, espera-se que as práticas esportivas dissonantes, delineadas por Camargo (2016), demovam e tensionem continuamente os “corpos na/da norma”.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível identificar a potência desse tipo de recurso comunicativo e audiovisual no sentido de problematizar e visibilizar os processos de homofobia, especialmente no campo esportivo/futebolístico. Destarte, com este *podcast*, interpreta-se que não basta apenas ser um/a “atleta de sucesso” com determinada competência técnica-esportiva. Indubitavelmente, é preciso também “driblar” outros obstáculos preconceituosos/discriminatórios relativos ao gênero/sexualidade para “ter fôlego” em se manter na carreira profissional.

Assim, apreendeu-se que questões internas e externas ao mundo esportivo do alto rendimento normatizam e normalizam os modos como as pessoas “deveriam” experienciar o “corpo em movimento”. Nota-se como o essencialismo biologizante de ser um profissional ou praticante no âmbito de um esporte (no futebol, por exemplo) regula e limita a circulação de algumas pessoas em suas trajetórias pessoais e profissionais.

Nesse caso, tal *podcast* não somente escancara o “submundo” de quem sofre com os processos cisheteronormativos ainda presentes no esporte, como também revela as possibilidades de sujeitos vistos como “não-hegemônicos” de se organizarem e mobilizarem coletiva e politicamente contra silenciamentos e abusos que agredem os direitos de quem atua nesses espaços. Por isso, com base nas

pioneiras obras de Magnane (1969) e Bracht (2005), sugere-se a necessidade de se aprofundar analiticamente as relações entre esporte e sociedade.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Gustavo Andrada; ANJOS, Luiza Aguiar do. A Coligay dentro da pedagogia do torcer. **Revista Desenvolvimento Social**, Montes Claros, v. 28, n. 1, p. 8–29, 2022. DOI: <https://doi.org/10.46551/issn2179-6807v28n1p8-29>

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10426>. Acesso em: 18 nov. 2023.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. O androcentrismo do torcer: do universo do futebol ao estádio contemporâneo. **Conexões**, Campinas, v. 20, e022016, 2022. DOI: <https://doi.org/10.20396/conex.v20i1.8668348>

BAUER, Martin; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. *In*: BAUER, Martin; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 39-63.

BOURDIEU, Pierre. **La dominación masculina**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2000.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

BRUM, Adriana; CAPRARO, André Mendes. Mulheres no jornalismo esportivo: uma “visão além do alcance”? **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4, p. 959-971, 2015. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.52730>

BUENO, Noemi Correa; MARQUES, José Carlos. Jornalismo esportivo e relações de gênero: o espaço para a participação feminina. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 21, n. 5, p. 110-128, 2020. DOI: <https://doi.org/10.13037/ci.vol21n45.6240>

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2021.

BUTLER, Judith. **El género en disputa**. El feminismo y la subversión de la identidad. Barcelona: Paidós, 2007.

CAMARGO, Wagner Xavier. Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1337-1350, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.66188>

CAMARGO, Wagner Xavier. Gêneros em disputa: a LiGay Nacional de Futebol Society e o espaço de acontecimento. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 2, e79423, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279423>

CAMARGO, Wagner Xavier. O armário da sexualidade no mundo esportivo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, n. 1, e42816, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n142816>

CAVALCANTI, Everton de Albuquerque; CAPRARO, André Mendes. Experiências indesejáveis: alguns casos de assédio sexual no futebol. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, e25080, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.85215>

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 17 nov. 2023.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>

DaMATTA, Roberto. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, trezes crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DUNNING, Eric. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: NORBERT, Elias; DUNNING, Eric (orgs.). **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p. 389-412.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005a. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092005000200005>

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005b. DOI: <https://doi.org/10.5216/rpp.v8i1.106>

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27001, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.110157>

GOFFMAN, Erving. The arrangements between the sexes. **Theory and Society**, California, v. 4, n. 3, p. 301-331, 1977. DOI: <https://doi.org/10.1007/BF00206983>

KESSLER, Cláudia Samuel. “São tudo sapatão”: lesbianidades e heteronormatividade no futebol/futsal brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 7, n. 3, p. 45-62, 2021. DOI: <https://orcid.org/0000-0002-1292-6914>

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>

KNIJNIK, Jorge. More Than a Man: Richarlyson, ambiguous and non-orthodox masculinities in South American Football. In: PIEDRA, Joaquín; ANDERSON, Eric (orgs.). **Lesbian, Gay, and Transgender Athletes in Latin America**. London: Palgrave Macmillan, 2021. p. 115-131.

LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. **Metodologia da Pesquisa**: do projeto ao Trabalho de Conclusão de Curso. Curitiba: Appris, 2017.

MAGNANE, Georges. **Sociologia do Esporte**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; MENDONÇA, Felipe Viero Kolinski Machado. “Ô bicharada, toma cuidado: o Bolsonaro vai matar viado!” Cantos homofóbicos de torcidas de futebol como dispositivos discursivos das masculinidades. **Galáxia**, São Paulo, n. 46, e46768, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-2553202146768>

MYERS, Greg. Análise da conversação e da fala. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 271-292.

NOLASCO, Socrates. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. *In: NOLASCO, Socrates (org.). A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 15-29.

PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. **Relações de gênero na imprensa esportiva**. 2015. 96f. Tese (Doutorado em Ciências do Exercício e do Esporte), Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ROSA, Eli Bruno Prado Rocha. Cisheteronormatividade como instituição total. **Cadernos Petfilosofia**, Curitiba, v. 18, n. 2, p. 59-103, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/petfilo.v18i2.68171>

SOUZA, Daniel Cerdeira. Homofobia no futebol masculino: revisão narrativa de literatura. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, v. 9, n. 2, p. 222-231, 2020. DOI: <https://10.17267/2317-3394rps.v9i2.2817>

TOLEDO, Luiz Henrique; CAMARGO, Wagner Xavier. Futebol dos futebóis: dissolvendo valências simbólicas de gênero e sexualidade por dentro do futebol. **FuLia**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 93-107, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2526-4494.3.3.93-107>

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS - Não se aplica

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica

FINANCIAMENTO - Não se aplica

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES – Não há conflito de interesses

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Luciana Fiamoncini

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Juliana Rosário; Maria Vitória Duarte

HISTÓRICO

Recebido em: 30.08.2023

Aprovado em: 11.11.2023